

## A RELAÇÃO TERAPEUTA - CLIENTE

MARIA RITA Z. S. DE AZEVEDO\*

O presente artigo trata de levantamento e discussão de variáveis importantes, a serem analisadas por psicólogos, dentro da relação profissional Terapeuta - Cliente, e que podem influenciar de maneira positiva ou negativa no atendimento clínico.

Quais as variáveis que, dentro da relação profissional Terapeuta- Cliente, poderiam facilitar ou dificultar o processo psicoterápico? Procurarei discutir, nesta oportunidade, algumas dimensões da relação terapêutica que possam ter efeitos sobre a condução do processo de terapia de uma maneira geral.

No decorrer de nossa atuação clínica, pudemos perceber uma série de fatores que permitem análise e, ainda outros que tivemos dificuldades em identificar, ou mesmo relatar, e que podem influenciar de forma direta ou não na terapia. Admite-se hoje, que tais dados não podem ser negligenciados numa análise funcional porque são tão, ou mais, importantes que as próprias técnicas e métodos psicoterapêuticos, na condução de uma sessão.

Há necessidade de se avaliar cada caso e investigar que tipos de variáveis poderiam estar presentes na relação que se estabelece entre terapeuta e cliente e que, atualmente ainda não estão muito esclarecidas.

Para Kohlemberg (1987), ao se tratar da relação terapêutica, seria de extrema relevância direcionar a percepção do terapeuta em relação a comportamentos que ocorrem durante a sessão, já que o resultado da terapia poderia estar relacionado com a habilidade do terapeuta em observar segmentos relevantes do comportamento do cliente. Na análise de Skinner (1957), o comportamento verbal é a principal fonte de conceitos que poderia ajudar na discriminação de tais comportamentos e o conceito de modelagem poderia facilitar tal percepção.

Na perspectiva de Kohlemberg (1987), ainda em relação a comportamentos encobertos (sentimentos, lembranças, fantasias), a expressão de emoção durante a sessão poderia servir como indicador para o terapeuta de que o cliente está em contato com as variáveis controladoras que eliciam tal emoção, podendo apresentar comportamentos clinicamente relevantes a elas associados. Por exemplo, se um cliente não está em contato direto com variáveis que eliciam respostas emocionais, tais emoções e comportamentos relevantes teriam baixa probabilidade de ocorrência.

Dentro de tal esquema, o autor ressalta que a ocorrência de respostas emocionais e comportamentos relevantes em sessão podem ser variáveis responsáveis por uma melhora clínica em si, no sentido de que se aumentaria a probabilidade de uma intervenção bem sucedida

---

\* Docente do Centro de Estudos Superiores de Londrina (CESULON), supervisora de estágio clínico e coordenadora da Clínica de Psicologia do Cesulon. Docente na União Norte Paranaense de Ensino (UNOPAR) e psicóloga clínica no Centro Londrinense de Análise do Comportamento (CELAC). Especialista em Análise e Programação de Condições de Ensino na Universidade (São Carlos, 1988) e em Psicoterapia na Análise do Comportamento (Londrina, 1992).

por parte do terapeuta e, conseqüentemente, maior oportunidade para reaprendizagem de respostas mais adaptativas pelo cliente, facilitando a generalização para fora do atendimento clínico. Kohlemberg (1987) salienta que a descrição do comportamento-problema e variáveis controladoras de um evento ocorrido em sessão seria mais produtiva e fidedigna do que apenas uma descrição baseada somente no comportamento do indivíduo, no passado.

Poderemos citar como atividades terapêuticas que provavelmente ajudariam a colocar o cliente em contato com as variáveis controladoras: o ser sensível ao fato do cliente apresentar comportamentos de esquiva em relação à expressão afetiva; rerepresentar os estímulos relevantes e encorajar expressão de afeto e a lembrança de eventos difíceis.

A resposta de um terapeuta à manifestação de emoção deveria ser naturalmente reforçadora. Um terapeuta que tenha dificuldade em expressar-se afetivamente, provavelmente não forneceria tal encorajamento e poderia punir tal expressão no cliente. Seria tarefa do terapeuta limitar a esquiva do cliente a situações que evocassem a expressão de afeto, já que deveria ser prioritário que os comportamentos clinicamente relevantes acontecessem em sessão. (Kohlemberg, 1987)

O interesse da autora pelo estudo dos efeitos da relação terapeuta-cliente surgiu em decorrência do trabalho como docente universitária e, principalmente, como supervisora de estágio clínico e psicoterapeuta. A psicoterapia em clínicas-escola desenvolve-se de uma maneira em que cada caso clínico é geralmente atendido por mais de um terapeuta quando o processo psicoterápico é longo. Isto ocorre devido ao fato de os alunos, em fase final de estágios, concluírem o curso e a maioria deles serem substituídos por outros alunos em fase de conclusão. Fazendo uma análise de tais atendimentos, podemos perceber que em alguns casos o cliente desiste do atendimento e, já em outros, o processo psicoterápico passa a ser até mais produtivo que o anterior (Azevedo, 1992). Para Kohlemberg (1987), seria de extrema relevância que a variável Terapeuta-Cliente fosse mais explicitada para que pudéssemos identificar mais claramente os repertórios necessários, de forma que eles pudessem ser adquiridos ou mesmo desenvolvidos por terapeutas de uma forma geral.

Dentro dessa perspectiva, deveríamos nos preocupar, dentro de supervisão clínica, não só com aspectos acadêmicos, teóricos e técnicos mas, também, direcionar nosso interesse e conhecimento para identificar e entender comportamentos encobertos (do cliente e terapeuta) e a própria relação terapêutica em si.

Durante nossa prática clínica, verificamos influência de variáveis ainda hoje pouco identificadas ou mesmo definidas. Algumas dessas variáveis devem estar no contexto de atendimento clínico, onde duas (em caso de atendimento individual) ou mais pessoas (atendimento em grupo) estão em interação (e relação). A abordagem comportamental, utilizando-se da análise funcional de contingências, presentes nessa relação, pode dar os primeiros passos em direção a uma valiosa contribuição, com finalidade de definir e esclarecer atitudes e comportamentos relevantes, tanto de terapeutas como de clientes, no processo psicoterápico.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, Maria R. Z. S. Análise Funcional de Caso Único : Possíveis Efeitos da Variável "Terapeuta" ao Longo do Tratamento Clínico. Monografia apresentada no Curso de Especialização em Psicoterapia na Análise do Comportamento. Universidade Estadual de Londrina, 1992.

KOHLEMBERG, Robert J., JACOBSON, N. S. Functional Analytic Psychotherapy. In : Jacobson, N. S . Psychotherapists in Clinical Practice: Cognitive and Behavioral Perspectives. Guilford Press, New York : 1987.

SKINNER, B. F . Verbal Behavior . New York : Appleton - Century- Crofts, 1957.